



Resumo Expandido (Pôster): Eixo 9 – Educação Infantil

**“SER CHAMADA DE PROFESSORA...”:  
A FORMAÇÃO COMO UM ELEMENTO CONSTITUINTE DA  
IDENTIDADE DOCENTE**

Dilma Antunes Silva – UNIFESP\*

Claudia Meire Rodrigues – Faculdade Anhanguera de São José dos Campos\*\*

**Resumo:** A constituição identitária das profissionais responsáveis pela educação e cuidado de bebês e crianças pequenas, em creches, é um tema importante para a elaboração de pautas formativas e de políticas educacionais voltadas à valorização da docência. Neste texto, discutimos aspectos da constituição identitária de professoras de educação infantil, trazendo à tona, histórias de vida e percursos profissionais de três docentes que vivenciaram importantes movimentos de mudança tanto no que se refere à legislação sobre Educação Infantil no país, como à reconfiguração do sistema municipal de ensino de São Paulo, em cumprimento ao disposto pela LDB 9394/ 1996. A pesquisa fundamenta-se em princípios e métodos da abordagem qualitativa, a saber: pesquisa bibliográfica e documental; entrevista não diretiva com foco na história de vida. A análise possibilitou compreender a importância da formação (inicial e continuada) no processo de desenvolvimento do sentimento de pertencimento profissional – fator primordial à constituição das identidades docentes.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Identidade Docente. Formação de Professoras.

### **Introdução**

Neste texto discutiremos sobre os processos de constituição identitária de professoras de educação infantil (PEI) que atuam em creches. Balizamo-nos no sintagma identidade-metamorfose-emancipação, desenvolvido por Antonio da Costa Ciampa. Nessa perspectiva, a identidade resulta da atividade humana nas diferentes interações sociais, podendo ser compreendida como metamorfose humana em busca de emancipação, que poderá ou não ser alcançada, visto que, para emancipar-se, o indivíduo precisa reconhecer e romper com o pensamento ideológico vigente (CIAMPA, 2005). Nas palavras do autor, a identidade é vista como:

processo de metamorfose, como movimento das transformações que vão configurando nossas identidades, seja como história de vida – um passado que se fez pela minha atividade -, seja como projeto de vida – um futuro a ser buscado a partir do meu desejo -, ou seja, desenvolver a competência de falar e agir com autonomia para falar quem sou e quem gostaria de ser (CIAMPA, 2006, s.p.).

\*Docente no NEI Paulistinha. Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP.

\*\*Docente no Curso de Pedagogia. Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (Unitau).



Trazemos à cena um tema ainda presente no contexto da Educação Infantil (EI), enraizado nos discursos e práticas de diferentes atores sociais, incluindo trabalhadores da Educação, em relação à identidade profissional das docentes que atuam em creche, qual seja: a (des)valorização desse quefazer (FREIRE, 2007), historicamente ligado à crença de mulher naturalmente apta para cuidar de crianças pequenas (ARCE, 2001 apud SILVA, 2015).

De acordo com Schmeing (2019, p.19), o desprestígio atribuído à atuação profissional na creche está ligado “ao antigo paradigma assistencialista das creches enquanto espaços destinados aos cuidados das crianças, em ações voltadas à assistência social das famílias, especialmente das mulheres, visto que ao longo de muitos séculos o cuidado e a educação de crianças pequenas foram entendidos como responsabilidade da mãe”. A autora argumenta que atrelar a docência na primeira infância aos cuidados realizados no âmbito doméstico revela o “profundo desconhecimento que ainda permanece em torno da importância do trabalho pedagógico com a faixa etária de 0 a 3 anos”(SCHMEING, 2019, p.19).

Se em tempos passados aceitava-se a evocação do cuidar para justificar políticas, ações e práticas assistencialistas e compensatórias baseadas numa concepção de criança carente; os avanços no campo científico e legal, bem como as pressões sociais por uma EI de qualidade e com pleno acesso vem contribuindo para a consolidação da visão de cuidar indissociável do educar. Compreender o cuidar e o educar como atos constitutivos um do outro é fundamental para a realização de práticas pedagógicas e políticas educacionais que viabilizem os processos de individuação de bebês e crianças em creches e pré-escolas e, valorizem as profissionais responsáveis por esta importante tarefa.

Silva (2015) adverte sobre a importância da valorização profissional e da formação (inicial e continuada) como elemento fundamental para a construção da identidade de docentes que atuam na educação e cuidados de bebês e crianças bem pequenas, em creche. Nesse ponto, os estudos de Silva (2016) e de Schmeing (2019) acrescentam que a ampliação de políticas de valorização do magistério tem contribuído para a melhoria das condições do trabalho docente, com efeito na qualidade do atendimento ofertado às crianças.

## **Materiais e métodos**

Trata-se de um estudo qualitativo, como procedimentos para produção de dados foram adotados: a pesquisa bibliográfica e documental e entrevista não estruturada, com foco na narrativa da história de vida. Ao optarmos pelas histórias individuais, focalizando percursos de vida pessoal e profissional, pautamo-nos na compreensão de que cada sujeito singular

possui uma “história fascinante” (PAULILO, 1999). Na etapa da análise cada entrevista foi tomada em sua totalidade, preservando a singularidade de cada depoimento.

## **Discussão dos resultados**

As participantes deste estudo são professoras de educação infantil (PEI), lotadas em uma creche municipal de São Paulo, que iniciaram suas trajetórias profissionais como pajens, na década de 1980. Suas narrativas pessoais foram produzidas/coletadas no ambiente escolar, em horários individuais e previamente agendados.

A respeito das entrevistadas ressaltamos: a escolha pelo magistério se deu em razão de fatores externos, isto é: ser professora não era o sonho de futuro que tinham, a exceção de uma entrevistada, que desde menina já “brincava de escolinha” e cogitava ser professora. Mas, “precisava ter estudo” e elas haviam “abandonado a escola”, ainda muito jovens, para se dedicarem a algum tipo de trabalho. Seus percursos formativos e histórias de vida possuem fortes semelhanças e em determinado momento se entrecruzam<sup>1</sup>. Para fins deste estudo, e garantindo-lhes o devido sigilo, as participantes serão identificadas como PEI- 1, PEI- 2 e PEI- 3, em referência ao cargo que ocupam e a ordem em que os depoimentos foram produzidos/coletados.

Suas palavras traduzem a formação obtida como “desafio”, “superação” e “conquista”. Ao conquistar alguma formação, ainda que aligeirada, estas profissionais afirmam ter conseguido distanciar-se cada vez mais “daquela visão de creche como lugar de ‘assistencialismo puro’, [...] só de cuidado e não de educação” (SILVA, 2015, p. 90; 92).

Desde os anos 1996, quando a LDB ratificou a EI como primeira etapa da Educação Básica e fixou prazo para a incorporação da creche aos sistemas educacionais, o panorama que se tem é importantes conquistas no que respeito às políticas de formação e valorização docente no Brasil.

No âmbito da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), diferentes iniciativas foram desencadeadas a fim de adequar a creche às exigências colocadas, principalmente pela LDB/1996. Dentre essas adequações e mudanças: reestruturação da carreira, programas de incentivo à formação inicial e continuada, exigência de habilitação específica para os cargos de diretor escolar, entre outros. A partir dos depoimentos das professoras é possível dimensionar as mudanças ocorridas nas legislações que impactaram na configuração do magistério na EI e na qualidade do atendimento ofertado na creche. Também identificamos uma recorrência ao Programa de Formação denominado

---

<sup>1</sup>Ver o Silva (2015; 2016).

ADI-Magistério, desenvolvido em duas etapas, criado com a finalidade de oferecer formação às educadoras de creche que possuíam, apenas o Ensino Fundamental e ou Ensino Médio completo. Tocante a isso, a PEI-1 avalia que a inserção no referido Programa de Formação “deu às pajens mais dignidade [...] Antigamente a gente não se via como professora. [...] O curso ajudou a mudar isso [...], mudou nossa autoestima”.

Contudo, este não foi um processo rápido. *Ver-se* professora; recuperar a autoestima, não se deu da noite para o dia, como num passe de mágica. Como explica a PEI- 3, somente “com o tempo, a gente foi *se acostumando a ser* professora e a sociedade passou a valorizar mais a [...] creche”. A participação no ADI-Magistério, possibilitou-lhe conviver com outras profissionais; os estudos e as discussões promovidas permitiram-lhe, gradativamente, *sentir-se* professora. Segundo Freire (2007, p.28), a “experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica da sua prática”. Das marcas que constituem a identidade das entrevistadas, cursar o ADI-Magistério foi entendida como a mais profunda, repercutindo nas esferas da vida pessoal e profissional. Segundo afirma a PEI-2: “[...] a gente precisava mesmo de formação...A partir do momento que você estuda sua vida muda em todos os sentidos. A sua vida profissional e a sua vida particular mudam em muitas outras coisas.”

As professoras rebatem o argumento de que ser mãe constitui pré-requisito para o trabalho desenvolvido na EI e afirma que em nenhum momento sua experiência materna foi decisiva para a constituição de sua profissionalidade. Sobre a possível semelhança entre as ações de cuidado dispensado aos bebês e crianças pequenas em casa e na creche, as participantes afirmam a importância de a professora saber “se colocar para elas [as crianças] e para as famílias de um jeito diferente [...] não como tia ou alguém substituta na vida da criança” (PEI- 1). Por essa explicação, compreendemos que a intencionalidade pedagógica e a postura crítica, porém amorosa (FREIRE, 2007) das educadoras, são fundamentais para a socialização e aprendizagem dos educandos, ademais podem traduzem sua responsabilidade ética e profissional, iluminadas pelo seu dever de se preparar, de planejar, de questionar e questionar-se.

Na educação infantil, as professoras têm a “missão” de mediar as relações das crianças com o mundo; como bem lembrou a PEI-1, o trabalho na creche requer intencionalidade, planejamento, sensibilidade e escuta. Em suas palavras, a realidade da creche está “sempre se transformando [...]”, por isso as professoras devem se sentir encorajadas a buscar “conhecimento pedagógico especializado” (SILVA, 2015, p. 37), que reverbere nas aprendizagens e no desenvolvimento dos educandos. Que as leve a refletir e problematizar

a respeito de sua prática, do currículo, da política educacional vigente; acerca da própria vida e de sua humana existência.

### Algumas considerações

Historicamente as professoras de creche foram condicionadas à invisibilidade. Apenas recentemente, valendo-nos mais uma vez das palavras produzidas pelas entrevistadas, é que se percebe um “respeito maior [...] dão mais valor para o nosso trabalho [...] Ser chamada professora [...]” revela essa mudança em movimento (PEI-3).

Aprender a *ver-se, sentir-se, reconhecer-se* professora resulta de um processo de forja, em si mesmas, da importância de sua tarefa, de luta contra o esvaziamento de sua profissionalidade (FREIRE, 2007), e a favor da dignidade de sua atuação docente. Não são as contribuições esperadas da formação? Certamente não foi um processo indolor. Acreditamos quando as próprias entrevistadas dizem não ter sido. Foi com luta, rebelando-se, dizendo não às injustiças, questionando seus perseguidores e posicionando-se à frente de comandos de greve por melhores condições de trabalho, por garantia de direitos etc. Assim sendo, as palavras produzidas pelas participantes do estudo revelaram uma identidade em constante transformação, e anunciaram a apropriação do “direito ou o dever de lutar pelo direito de [...] [serem elas mesmas, em seu diferentes personagens], de optar, de decidir, de desocultar verdades” (FREIRE, 2007, p.25); experimentando livremente o exercício de sua docência .

### Referências

BRASIL, *Lei N.9394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense. 2005.

CIAMPA, A. C. Entrevista. *Construção psicopedagógica*, São Paulo, v. 14, n. 11, dez. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542006000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542006000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 02 maio 2021.

FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. 18. ed. – São Paulo: Olho D'água, 2007.

PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. *Serviço Social em Revista*, Londrina, v.2, n.2, jul.- dez. 1999, p.135-148. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf>. Acesso em 02 maio 2021.

SCHMEING, L. B. *As especificidades da atuação docente para e com bebês e crianças de 0 a 3 anos: uma pesquisa com professoras em um Centro de Educação Infantil de São Paulo*. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Formação de Formadores) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de Formadores, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.



SILVA, D. A. “Minha trajetória foi essa”... Identidades e formação das professoras de creche. *Plures Humanidades*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, 2016, p.209-224.

SILVA, D. A. *De pajem a professora de educação infantil: um estudo sobre a constituição identitária da profissional de creche*. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16171>. Acesso em 02 maio 2021.



Sua participação e apresentações de trabalhos abrilhantaram o ii colóquios de políticas e gestão da educação

**ESPERAMOS VOCÊS NO III COLÓQUIOS DE 24 A 27 DE MAIO DE 2022.**

# 2022

## III COLÓQUIOS DE POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO ONLINE

Planejamento educacional em debate: políticas públicas e desafios



24 a 27 de maio de 2022

**Presenças confirmadas:**

- Profa. Dra. Euzângela Alves da Silva Scaff - UFRR
- Maria Alice de Miranda Aranda - UFGD;
- Profa. Dra. Selma de Carvalho Fonseca - UNASP
- Palestrantes internacionais a confirmar



**MINHA AGENDA:**

**2022 VOU PARTICIPAR DOS COLÓQUIOS UFSCAR SOROCABA ONLINE**

Informações: [geplageufscar@gmail.com](mailto:geplageufscar@gmail.com)

Comissão Organizadora III Colóquios

<https://doity.com.br/iii-coloquios-de-politicas-e-gestao-da-educacao>